

Partido Verde não 'vingou' na Amazônia

O presidente do PV, Fernando Gabeira, critica lentidão do governo e o comodismo dos pequenos agricultores, com relação às queimadas em Roraima

Rosely Garcia
Sucursal de Brasília

Após permanecer uma semana em Roraima, até que o fogo fosse debelado pelas chuvas, o deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) retornou ao Congresso defendendo programas preventivos contra incêndio, a exemplo do que aconteceu com a Argentina. Gabeira acredita que o Amazonas e Rondônia correm risco de grandes queimadas, durante o período de seca que começa em junho. Em entrevista à sucursal de Brasília de A CRÍTICA, o parlamentar critica a lentidão do governo federal em combater o fogo e o comodismo dos pequenos agricultores de Roraima. "Eles só combatem o fogo quando chega em seus terrenos, enquanto está queimando o do vizinho, eles não se preocupam". Na área política, Gabeira reconhece que defesa de proteção ambiental não dá votos. Por essa razão, o Partido Verde não se destacou na Amazônia. Ele admitiu que o partido está perdendo a característica de esquerda e defende uma aproximação com as forças políticas locais para fortalecer o PV.

A CRÍTICA - Qual a situação de Roraima, após uma semana de visita ao Estado? Fernando Gabeira - Olha a situação que eu presenciei foi de uma queimada muito extensa, possivelmente tenha atingido 30% do Estado. Além disso é uma situação social muito delicada, muitas pessoas ficaram sem possibilidade de plantar e vão ter dificuldade de sobrevivência. Na área das comunidades indígenas também existem dificuldades, algumas ligadas não exatamente a alimentação, como a ianomâmi, mas a medicamentos.

“ Há 3 anos, propus que o País tivesse um serviço contra incêndio. Disseram que a floresta não queimava ”

Fernando Gabeira

verão deles. É o tempo seco também naquele país e os aviões de combate a incêndio são proibidos de saírem de lá. Acho que o Brasil tinha de colocar de pé um sistema de combate ao incêndio florestal, porque a Argentina adotou um programa depois do incêndio de Bariloche, em 95.

AC - A malária está atacando os ianomâmi? FG - Há uma incidência maior de malária. Em Tapiá, por exemplo, em janeiro houve 117 casos, quando no ano passado houve apenas 30. Além dos medicamentos para combater a malária, há uma necessidade muito grande de soro antiofídico. Eles não tem soro e isso contribui para as queimadas, porque eles queimam para matar a cascavel e espantar as cobras.

AC - Está faltando medicamentos na reserva indígena? FG - Havia problemas de medicamentos. Tantamos organizar remessa de medicamentos. Eu e o deputado Salomão Cruz (PSDB-RR) promovemos uma reunião entre a Funai (Fundação Nacional do Índio) e o Centro Indígena de Roraima no sentido de fazer chegar os medicamentos - que nós já tínhamos colecionado - à reserva. A solidariedade internacional já deu o dinheiro e os medicamentos. O problema agora é convencer a Funai a levar até as áreas indígenas. O problema é que a Funai é uma entidade muito lenta para essas emergências.

AC - É possível recuperar o desastre ambiental das queimadas na área florestal em Roraima? FG - Possivelmente tenha atingido uma região grande de área florestal. Os dados apontam que foram queimados 1.800 quilômetros quadrados de floresta virgem, um total de 4.200 quilômetros quadrados de floresta derrubada e 31 mil quilômetros quadrados de cerrados e savanas. Essas áreas somadas é maior que a Bélgica. A queimada foi propiciada pelo clima: ventos de 40 a 50 quilômetros, a umidade de 80% caiu para 34% e uma temperatura de 40 graus.

AC - O fenômeno "El Niño" é o responsável pelas queimadas. Ou ela foi agravada pela atuação do homem? FG - Essas circunstâncias são mais graves porque as florestas têm se modificado ao longo dos anos. O fato de ela estar sendo atacada pelas margens, faz com que fique mais vulnerável. E as madeiras que trabalham dentro da mata vão deixando galho, folha seca, resíduos que secam e ficam altamente combustíveis. Então a vulnerabilidade da floresta está acontecendo há anos. Quando eu propus, há três anos, que o Brasil tivesse um serviço contra incêndio, o ministro da SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos - Ronaldo Sardenberg) e os coordenadores do Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia) disseram que a floresta não queima. E a verdade é que agora com a mudança das circunstâncias, a floresta começa a queimar.

AC - O desastre em Roraima foi suficiente para o governo adotar programas preventivos, capacitar técnicos de combate ao fogo? FG - Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, o ministro Sardenberg disse que era contra programas preventivos - antes do fogo atacar Roraima - e continua contra. Ele afirmou ainda que esse incêndio foi acidental, provocado mais pelo "El Niño" e que não há perigo de novos incêndios dessas proporções. Ela está pensando que a floresta seja capaz de resistir. O problema é que nós teremos novas secas, previstas para junho e julho.

AC - As grandes queimadas podem se repetir no Amazonas ou em outras regiões nos períodos de seca? FG - Esse problema pode ocorrer novamente no Amazonas e em Rondônia. Corremos esse risco e acho que devíamos nos preparar para isto. O problema é que se tivermos necessidade de pedir socorro ao Canadá, em junho e julho, que tem os aviões, eles não saem, porque esse período é o

Nós tivemos o nosso.

AC - Como seria esse sistema de combate a incêndio? FG - Esse sistema deveria ter gente com cursos sobre incêndio florestal, grupos que possam fazer o trabalho por terra, mais alguns helicópteros e aviões especializados também em apagar o fogo. O Brasil não tem um helicóptero. Temos alguns técnicos. Durante o incêndio em Roraima foram enviados dois técnicos do Rio de Janeiro e dois de São Paulo, que têm cursos nos Estados Unidos e no Canadá. Eles fizeram avaliações da extensão do fogo e da melhor maneira de combatê-los. Acho, além da formação no exterior, tem que ter características próprias, porque no exterior as florestas são temperadas e aqui são úmidas. Fogo no cerrado nós estamos tendo dificuldades em apagar. Recentemente houve um incêndio em Minas Gerais em que os bombeiros tinham que andar 40 minutos, com uma bomba costal de 20 litros de água. Ou usam abafadores que são precários. Acho que precisamos de algo mais eficiente.

AC - As queimadas que aconteceram agora são proporcionais às ocorridas na década de 80 na Amazônia? FG - Naquela época eu pensava como o governo pensa hoje. Que as queimadas iam existir, nós íamos controlar e ficaria tudo bem. Acontece que eu não contava com o processo de vulnerabilização da floresta. Não contava que as madeiras trabalhando por dentro iam criar uma situação nova, nem contava também com devastação pelas bordas. O resultado é que acho que agora as queimadas estão ficando mais incontroladas e que esse processo é muito perigoso. Então nós tínhamos que primeiro criar o serviço emergencial e segundo refletir melhor sobre as queimadas. Na década de 80, as queimadas eram grandes, mas a perda do controle nunca existiu.

AC - Que tipo de exploração ou preparação do terreno para plan- exemplo, não temos condições de dar um trator para cada agricultor, mas podemos dar para um grupo de 15 ou uma associação. Tem que buscar esse caminho. Se conseguir reduzir, pelo menos, essa intensidade e frequência de queimadas do momento, também, reduz o risco de incêndio. E aqueles que ainda continuarem queimando, você trabalha com educação ambiental e com os serviços de emergência, onde houver alguma coisa procura combater o incêndio.

AC - Os agricultores não usam o mínimo de precauções para evitar a propagação? FG - Eles não usam precauções e não avaliam que as circunstâncias agora são diferentes. O estado de Roraima vivia uma seca sem precedentes. Tem duas mil cabeças de gados mortos. Eles acharam que, apesar da seca, eles tinham que continuar a vida como era antes. E na verdade muito gado morto e muitos pequenos açudes que o governador fez, que na verdade eram poços. Então havia esse fator, o outro era o forte calor e a baixa umidade do ar, situação agravada por ventos de cem quilômetros. Eles são um pouco comodistas também. Enquanto o fogo está queimando a terra do vizinho, eles não se preocupam. Eles só se movem quando o fogo chega em seus terrenos.

AC - O Partido Verde não demorou para atuar contra o fogo em Roraima? FG - Não. Antes de viajar a Europa em 17 de março, eu tinha feito um ofício ao presidente Fernando Henrique Cardoso, pedindo uma audiência com os deputados de Roraima. Mas eu tinha um compromisso no exterior, previamente marcado, e fui sabendo que denunciar na Europa era melhor até que denunciar no Brasil. Você tem mais credibilidade. Apresentei também, na época, dois requerimentos de audiências públicas aos gestores do Sivam e ao Gustavo Krause (ministro do Meio Ambiente) para ver se eles se tocavam. Quando cheguei na França fiz as denúncias, mas percebi que o fogo estava continuando. Antecipei meu retorno e fiz parte da comissão externa formada pela Câmara e fui imediatamente para lá. Passei a semana lá e saí só depois da chuva, quando vi que a situação estava sob controle.

AC - Qual a situação do PV no Estado? FG - O PV tem atuado muito do ponto de vista político em Roraima. O PV produziu artigos criticando o modelo

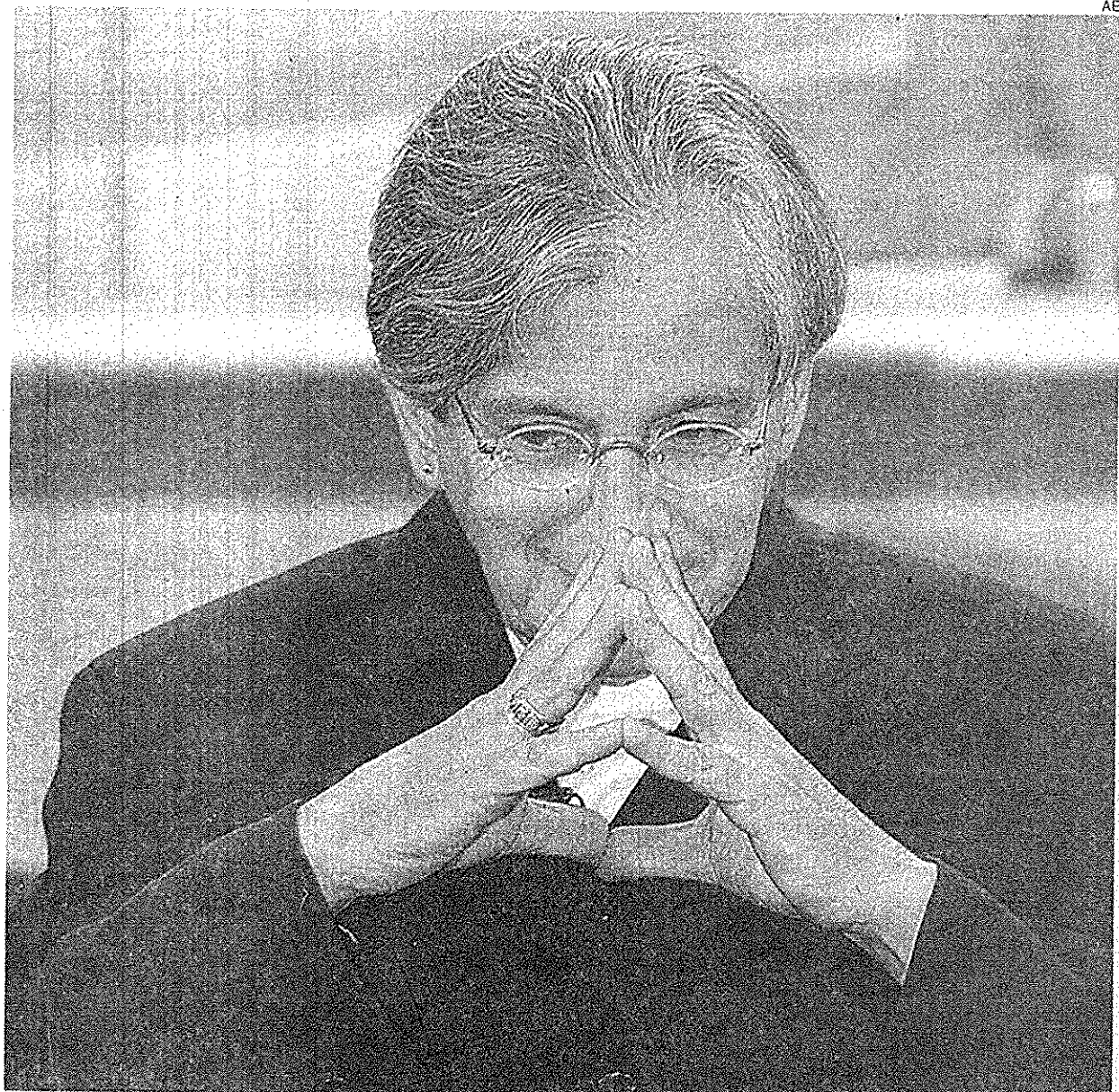


O fogo destruiu 900 milhões de hectares de floresta nativa

de colonização. O partido só tem um núcleo no estado, formado por sociólogos, técnicos da Embrapa, que denunciaram a situação e o populismo dos governadores da região.

AC - Por que tanto em Roraima quanto no Amazonas, o PV não consegue emplacar nem deputado estadual, quando a questão ambiental é tão importante na região? FG - Encontrei mais interesse pelo incêndio em Paris do que em Boa Vista (capital de Roraima). A manchete do jornal Brasil Norte, em Boa Vista, depois da chuva foi a seguinte: "Chuva causa transtorno na cidade". Quer dizer, a classe média de Roraima pura e simplesmente não se importou com o incêndio. Ela só se importou no momento em que a fumaça ficou meio inquietante, na sexta, no sábado e no domingo. Ela não se importa com isso. A questão ecológica na Amazônia não tem grande ibope.

AC - Por que a aliança com o PPS? FG - Foi feita quase que por exclusão. Achamos que não devíamos apoiar o Fernando Henrique Cardoso, que está tendo um papel na questão ambiental muito negativo. O meio ambiente no governo dele talvez esteja sendo mais subestimado do que em todos os outros. Os índices de impacto ambiental ocorreram devido ao Plano Real, mas ele não tomou as providências necessárias, não avaliou esse aspecto. O Lula que nós gostamos muito e respeitamos, achamos que a candidatura dele já não significa coisa nova. O nosso ideal era uma frente de centro-esquerda, mas essa característica aberta não aconteceu. A correlação de forças internas do PT não permitiu esse voto, então nós tivemos que optar pelo Ciro, mais maleável às nossas idéias e também pode ser um investimento para 2002. No meu entender, nenhuma candidatura tem chance de derrotar a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.



Gabeira diz que PV está perdendo as características de esquerda e defende a aproximação com forças políticas locais

de colonização. O partido só tem um núcleo no estado, formado por sociólogos, técnicos da Embrapa, que denunciaram a situação e o populismo dos governadores da região.

AC - Por que tanto em Roraima quanto no Amazonas, o PV não consegue emplacar nem deputado estadual, quando a questão ambiental é tão importante na região? FG - Encontrei mais interesse pelo incêndio em Paris do que em Boa Vista (capital de Roraima). A manchete do jornal Brasil Norte, em Boa Vista, depois da chuva foi a seguinte: "Chuva causa transtorno na cidade". Quer dizer, a classe média de Roraima pura e simplesmente não se importou com o incêndio. Ela só se importou no momento em que a fumaça ficou meio inquietante, na sexta, no sábado e no domingo. Ela não se importa com isso. A questão ecológica na Amazônia não tem grande ibope.

AC - O PV tem nomes de destaque na Amazônia que podem se eleger no dia 4 de outubro? FG - Vamos lançar o antropólogo Antônio Macedo a deputado federal no Acre, com chances de ser eleito. Ainda no Acre temos o suplente da senadora Marina Silva (PT), doutor Juninho. No Amazonas, estamos tendo dificuldades em encontrar os parceiros. Temos que ver como vai ficar.

AC - Nem com a bandeira ambiental, o PV consegue se destacar na Amazônia? FG - Acho difícil, porque meio ambiente não dá voto. Os políticos de Roraima não foram visitar o incêndio porque sabem que isso não dá voto lá. A idéia que a gente tem é de que o verde seria um ponto fundamental na Amazônia. Mas o verde dá muito mais ibope em Paris e Londres (Inglaterra) do que na Amazônia. A Amazônia, a defesa, a proteção ambiental da Amazônia dá muito mais votos em Londres e Paris. Agora isso não justifica, porque acho que o partido tem condições de achar um caminho verde, de atuar na Amazônia.

AC - Qual o caminho para o PV atuar e crescer na Amazônia. Equilibrar desenvolvimento e preservação ambiental? FG - A primeira coisa a fazer é nos militarmos com as forças políticas locais. Procurar dentre as forças políticas locais, aquelas com as quais ainda pode dialogar, buscar algo comum e formular uma política mais interessante, porque a tendência do militante do PV clássico é dizer o seguinte: "Vamos reprimir as queimadas e vamos fazer uma campanha educacional". Qual o conhecimento que esse militante tem das pessoas que vivem na região? O que elas precisam para não queimar. Como se muda esse quadro. Para isso tem que trabalhar com as pessoas. É muito difícil achar um caminho lá, porque os técnicos que estão lá não são políticos. Os técnicos que nos ajudam, são nossos interlocutores, eles são técnicos de organizações não governamentais e não estão preocupados com negociações políticas. Para fazer um trabalho na Amazônia

tenho que sair de Brasília na quinta-feira e estar no final de semana no Rio de Janeiro. É ridículo. A Amazônia é um espaço destruído. Você chega lá e compreende a sua ignorância e a sua impotência.

AC - O senhor disse que seria necessário destacar um grupo do PV para a Amazônia, para buscar o fortalecimento do partido? Essa idéia ainda persiste? FG - Talvez. Tenho pensado nisso ou me deslocar para a Amazônia e criar uma agência de notícias lá, que seja um centro de articulação sobre reportagens, fotografias e filmes sobre a Amazônia e ao mesmo tempo um espaço que possa permitir que essas coisas avancem, ao invés de fazer a política mesmo, estava pensando em criar uma agência. Mas eu tenho que decidir ou sou deputado ou faço isso. E um deputado só não consegue fazer nada.

AC - Quais as chances de crescimento do PV na próxima eleição? FG - Temos condições de chegar a cinco deputados federais. Temos o Antônio Macedo no Acre. No Amazonas a situação é difícil. O Evandro Carreira entrou está presidindo o partido, mas não sei se ele será candidato. Acho que ele é mais folklore. No Rio, eu me reelejo. Com 200 candidatos em São Paulo devemos eleger um e outro em Minas Gerais. Outro na Paraíba e no Paraná.

AC - Na eleição para presidente, o partido apoia o candidato do PPS, Ciro Gomes. E nos estados, a orientação é seguir o mesmo grupo? FG - A tendência estadual será variada, o nosso leque de preferência é a esquerda, mas o PV admite aliança com o PFL ou o PPB. O problema é que tem que ver que PFL. Não excluímos ninguém e achamos que até no Rio de Janeiro temos discutido com o PFL, mostrando que é possível uma aliança pós guerra fria. Desde que fique bem claro os pontos de união, só que o PFL carioca fechou o Círculo Voador. Dependendo, em princípio não há nenhum dogma, mas se eles mantiverem aquela velha postura do PFL fica difícil.

AC - Por que a aliança com o PPS? FG - Foi feita quase que por exclusão. Achamos que não devíamos apoiar o Fernando Henrique Cardoso, que está tendo um papel na questão ambiental muito negativo. O meio ambiente no governo dele talvez esteja sendo mais subestimado do que em todos os outros. Os índices de impacto ambiental ocorreram devido ao Plano Real, mas ele não tomou as providências necessárias, não avaliou esse aspecto. O Lula que nós gostamos muito e respeitamos, achamos que a candidatura dele já não significa coisa nova. O nosso ideal era uma frente de centro-esquerda, mas essa característica aberta não aconteceu. A correlação de forças internas do PT não permitiu esse voto, então nós tivemos que optar pelo Ciro, mais maleável às nossas idéias e também pode ser um investimento para 2002. No meu entender, nenhuma candidatura tem chance de derrotar a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.

“ No Amazonas, estamos tendo dificuldades em encontrar os parceiros. Vamos ver como vai ficar ”

Fernando Gabeira

AC - O senhor disse que seria necessário destacar um grupo do PV para a Amazônia, para buscar o fortalecimento do partido? Essa idéia ainda persiste?

FG - Talvez. Tenho pensado nisso ou me deslocar para a Amazônia e criar uma agência de notícias lá, que seja um centro de articulação sobre reportagens, fotografias e filmes sobre a Amazônia e ao mesmo tempo um espaço que possa permitir que essas coisas avancem, ao invés de fazer a política mesmo, estava pensando em criar uma agência. Mas eu tenho que decidir ou sou deputado ou faço isso. E um deputado só não consegue fazer nada.

AC - Quais as chances de crescimento do PV na próxima eleição?

FG - Temos condições de chegar a cinco deputados federais. Temos o Antônio Macedo no Acre. No Amazonas a situação é difícil. O Evandro

Carreira entrou está presidindo o partido, mas não sei se ele será candidato. Acho que ele é mais folklore. No Rio, eu me reelejo. Com 200 candidatos em São Paulo devemos eleger um e outro em Minas Gerais. Outro na Paraíba e no Paraná.

AC - Na eleição para presidente, o partido apoia o candidato do PPS, Ciro Gomes. E nos estados, a orientação é seguir o mesmo grupo?

FG - A tendência estadual será variada, o nosso leque de preferência é a esquerda, mas o PV admite aliança com o PFL ou o PPB. O problema é que tem que ver que PFL. Não excluímos ninguém e achamos que até no Rio de Janeiro temos discutido com o PFL, mostrando que é possível uma aliança pós guerra fria. Desde que fique bem claro os pontos de união, só que o PFL carioca fechou o Círculo Voador. Dependendo, em princípio não há nenhum dogma, mas se eles mantiverem aquela velha postura do PFL fica difícil.

AC - Por que a aliança com o PPS?

FG - Foi feita quase que por exclusão. Achamos que não devíamos apoiar o Fernando Henrique Cardoso, que está tendo um papel na questão ambiental muito negativo. O meio ambiente no governo dele talvez esteja sendo mais subestimado do que em todos os outros. Os índices de impacto ambiental ocorreram devido ao Plano Real, mas ele não tomou as providências necessárias, não avaliou esse aspecto. O Lula que nós gostamos muito e respeitamos, achamos que a candidatura dele já não significa coisa nova. O nosso ideal era uma frente de centro-esquerda, mas essa característica aberta não aconteceu. A correlação de forças internas do PT não permitiu esse voto, então nós tivemos que optar pelo Ciro, mais maleável às nossas idéias e também pode ser um investimento para 2002. No meu entender, nenhuma candidatura tem chance de derrotar a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.